

APRESENTAÇÃO

Esta edição da revista *Grau Zero* apresenta aos caros leitores uma relevante discussão sobre como o espaço (auto)biográfico na literatura tem se constituído como um lugar de memória, resistência e empoderamento dos sujeitos que, por muito tempo, mantiveram suas escritas invisibilizadas; por estas serem censuradas, negadas, postas à margem.

A escrita de si e do outro como afirmação das vozes não autorizadas de sujeitos que se (re)significam — nesse contexto capitalista de valores individuais e excludentes —, exige uma participação cidadã também na literatura. Assim, este volume é composto por artigos que consideram a literatura e os espaços (auto)biográficos como artefatos de combate que contrapõem hegemonias, legitimando o direcionamento e/ou guinada das subjetividades.

No artigo “A experiência dada pela memória: *Os cus de Judas* e o *Skaz* do império derrotado”, Ronan Simioni, pesquisador em Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), apresenta a produção de António Lobo Antunes como uma representação do período de guerras nas colônias portuguesas em África; *Os cus de Judas*. A partir da estrutura narrativa e do seu modo de articulação é possível visualizar, simultaneamente, ações que evidenciam tanto o campo universal, como o individual. Nesse contexto, a preocupação do autor é demonstrar como o aspecto formal do romance funciona como porta-voz dos sujeitos marginalizados, silenciados por uma conjuntura social, cultural, econômica e política formada por um viés hegemônico instaurado no governo salazarista.

Liliane Lenz, mestranda da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), em “A humanização no conto “TCHAU” de Lígia Bojunga”, discorre sobre o sentimento do ser, suas dualidades e asserções. Apoiando-se no contexto de

vida da referida autora, busca fundamentos para ratificar que o conto literário pode ser um importante instrumento de humanização, não apenas dos personagens, mas também na formação humana do leitor. Dessa forma, é possível conceber a literatura como um princípio norteador da formação social; pois, para a autora, esta tem função libertadora, faz com que o homem ultrapasse limites, torna-o reflexivo, crítico, dono das suas próprias opiniões. Um ser mais consciente, capaz de reconhecer-se e reconhecer o mundo em que vive.

Já em “A imaginação é mais importante que o saber: as rasuras de uma poética autobiográfica”, José Rosa dos Santos Júnior e Lígia Guimarães Telles, ambos da Universidade Federal da Bahia (UFBA), trazem à cena a poética de Manoel de Barros no intuito de mostrar como ela ratifica e retifica a noção de escrita autobiográfica. Se por um lado sua escritura faz brotar marcas remanescentes de uma infância Pantaneira, por outro, seu característico processo criativo reforça uma imaginação ficcional que faz de Manoel de Barros um destaque nessa produção. O que nos leva a crer, segundo afirma os autores, que seja uma escrita que rompe, tensiona, rasura e problematiza o pacto autobiográfico.

Douglas Rodrigues de Sousa, da Universidade de Brasília (UNB), apresenta em seu texto “A mulher negra no contexto da literatura afro-brasileira: a escrita de si e a reinvenção do sujeito negro feminino” uma importante discussão acerca dos escritos de algumas poetisas negras contemporâneas, demonstrando como essas escritoras se autorrepresentam e de que forma firmam suas identidades no contexto da atual poesia afro-brasileira. As publicações nos *Cadernos Negros* privilegiam um “eu enunciativo” feminino que busca, através da poesia, uma identidade de autoafirmação, além de tornar visíveis seus posicionamentos, inquietações e subjetividades.

A mestranda em Crítica Cultural (Pós-Crítica) da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Gislene Alves da Silva, expõe o processo metodológico desenvolvido na pesquisa de

mestrado intitulada “Narrativas autobiográficas de escritoras de Alagoinhas: Processos de (auto)formação e (re)significação”. Este estudo foi desenvolvido na perspectiva da pesquisa-ação e do método (auto)biográfico para a coleta e análise de dados. Para tanto, a autora baseia-se, em parte, no projeto desenvolvido pela pesquisadora Christine Delory-Momberger (2006) e sua proposta dos ateliês autobiográficos. A partir disso, os escritos autobiográficos das escritoras de Alagoinhas — Luzia Senna e Margarida Souza —, subsidiaram reflexões que servem de referência para mostrar como a mulher pode romper com posicionamentos excludentes; buscando assim, seu lugar de fala, na tentativa de promover uma vida mais igualitária e justa. Esses são alguns pontos que aliam a tessitura do texto “Ateliês autobiográficos: escritoras de Alagoinhas e suas escrevivências”.

Também na perspectiva da escrita autobiográfica, Fernanda Rodrigues de Miranda, da Universidade de São Paulo (USP), interpreta a escrita da autora Carolina Maria de Jesus (1914-1977), com o artigo intitulado “Carolina Maria de Jesus: a morada da palavra”. As obras *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960); *Casa de Alvenaria* (1961) e *Diário de Bitita* (1986) criam uma narrativa da experiência pautada nos lugares de raça, gênero e classe que desloca o lugar comum do sujeito tradicional do discurso autobiográfico, fazendo emergir uma nova voz na literatura brasileira. “Carolina Maria de Jesus migrou de todos os lugares que tentaram circunscrevê-la. De Sacramento — sua cidade natal; da favela do Canindé; das luzes da “cidade de cetim”. Só nunca migrou da escrita, pois este foi seu lugar de pertencimento sempre”.

Arlinda Santana Santos, mestranda em Crítica Cultural (Pós-Crítica) da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), salienta no texto “Figurações do estado de exceção em Zélia Gattai: memórias de uma testemunha anarquista-libertária”, o testemunho como individual e coletivo sobre o Estado de Exceção. Para isso, toma como fonte as figurações das obras memorialísticas da escritora Zélia Gattai e, nesse ínterim, a

autora propõe a possibilidade de se vislumbrar esses escritos como um lugar de potência frente a um Estado soberano que oprime, mata e aniquila a humanidade na tentativa de manter sua hegemonia.

Marcos Teixeira de Souza, pesquisador em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), nos oferece interessante reflexão com a escrita do artigo “José do Patrocínio: uma trajetória em meio a memórias”. Segundo o autor, a geração de 70 (e 80), do século XIX, foi marcada por correntes teóricas que projetaram a identidade Brasil nação. Grande parte desses fundamentos, perduram, seja de forma inconsciente ou não, até nossos dias. Dentre os intelectuais participantes desta geração, José do Patrocínio teve destaque, mas, no entanto, seu nome e sua obra permaneceram “esquecidos”. Nesse sentido, Marcos Teixeira pretende discutir a trajetória do abolicionista José do Patrocínio, interligando o seu primeiro romance, por entender que sua escritura, nos meandros da ficção, mergulha e espelha um repertório de memórias pessoais e coletivas.

Felipe Freitag e Liane Batistela Kist, pesquisadores da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), refletem em “Leitura e produção textual: a vida em palavras, a vida em papel”, sobre o legitimar do discursivo da oralidade através do estudo de contos populares ou maravilhosos. Assim, como ruptura aos formatos “engessados” de ensino e aprendizagem, buscam levar para a sala de aula conceitos que verticalizam para as experiências e memórias dos estudantes. A partir dessa abordagem, é possível visualizar o ambiente escolar como espaço de interação e intercâmbios culturais. Além de fomentar uma discussão para a construção do conhecimento crítico que valoriza os modos de vida e traz à cena histórias subalternas, negligenciadas por um discurso oficial excludente.

É importante frisar que essas narrativas descrevem os costumes mais antigos do cotidiano e da sabedoria popular, de maneira que estes acontecimentos vão perpetuando his-

tórias e fatos socioculturais de maneiras variadas. É justamente essa constante mutabilidade que potencializa os contos populares e maravilhosos na contemporaneidade.

Com o artigo intitulado “O passado na obra de Cecília Meireles”, a pesquisadora da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Helen Ferreira Nunes, direciona um olhar indutivo e movente no universo da produção poética da escritora carioca Cecília Meireles. Para tanto, nesta empreitada, a pesquisadora faz um recorte analítico através do livro “Poesia Completa” (2001); considerando/evidenciando os poemas que trazem em seu bojo relações intrínsecas — altamente discursivas — com a noção de tempo em trânsito; evidenciadas em suas memórias, bem como nos deslocamentos entre o passado e o presente.

Vale ressaltar a perspicácia com que a pesquisadora revisita a fortuna crítica da poeta, tecendo diálogos abertos, ininterruptos e enriquecedores entre os poemas selecionados de Cecília Meireles, a crítica literária efetivada através de nomes como: Alfredo Bosi, João Adolfo Hansen, Eliane Zagyry, Nelly Novaes Coelho, entre outros, e o leitor que a todo instante sente-se convidado a participar e a visitar as suas próprias memórias através do fascínio das imagens poéticas, indubitavelmente proporcionadas pela leveza/beleza da construção poética de Cecília Meireles.

Destarte, não se pode olvidar a envergadura discursiva que Helen Ferreira Nunes aborda em seu texto; estabelecendo um diálogo — através das teorias de Santo Agostinho (1999) e Paul Ricoeur (1994; 1995; 2007) — acerca das imbricações entre a memória e o esquecimento.

Por seu turno, Maria Inês Freitas, mestranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), apresenta a tendência narrativa do Real Maravilhoso ao analisar o livro *Viver para contar* de Gabriel García Márquez, publicado em 2002. Na concepção da autora, trata-se de uma narrativa autobiográfica

com traços estético-formais que estabelece relações entre os fatos narrados pelo escritor e aspectos de seus personagens ficcionais.

Apoiando-se nas concepções de Phelippe Lejeune (2008) e as teorias sobre o *Pacto Autobiográfico*, a autora tece seu texto nos apresentando a riqueza poética do escritor colombiano. A interpretação ganha amplitude ao enfatizar detalhes do cotidiano do autor: suas ideias, preocupações sociais, sua conturbada relação com o pai, a forte ligação com a mãe, além da paixão pela literatura — o que culminou no seu ofício de escritor. Outro ponto relevante é que ao unir o fantástico à realidade, a obra apresenta aspectos culturais vivenciadas pela América Latina. De acordo com Inês Freitas, os fatos históricos são descritos a partir de elementos fantásticos, criando um universo maravilhoso, mas ao mesmo tempo bastante crítico, dos acontecimentos.

Por fim, Sandra Beatriz Salenave de Brito, doutoranda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), analisa em seu artigo “O reino de Gonçalo M. Tavares e a voz dos silenciados no espaço da guerra”, a tetralogia do escritor e professor universitário português Gonçalo Manuel de Albuquerque Tavares, mais conhecido por Gonçalo M. Tavares. A tetralogia, *O Reino*, compreende os livros *Um Homem Klaus Klump* (publicado em Portugal em 2003), *A máquina de Joseph Walser* (publicado em Portugal em 2004), *Jerusalém* (também publicado em Portugal em 2004) e *Aprender a rezar na Era da Técnica* (publicado em Portugal em 2007). A pesquisadora discute, com propriedade, universos que perpassam a temática da memória, do espaço biográfico, da alteridade e das subjetividades — confeccionadas pelo escritor Gonçalo Tavares —, dos sujeitos tensionadas pelo ambiente do pós-guerra.

A envergadura analítica e dialética tecida por Sandra Beatriz direciona-nos para uma melhor compreensão da conspícua narrativa construída pelo escritor português; corroborando para uma reflexão crítica em torno da problemáti-

ca dos sujeitos marginalizados e silenciados na contemporaneidade.

Priscila Cardoso de Oliveira Silva

Leandro Alves de Araujo